

11-22-2011

TragiCIDADE - a violenta relação entre as diferentes classes sociais nos centros urbanos brasileiros e sua representação na literatura contemporânea

Daniela Meireles

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/laii_research

Recommended Citation

Meireles, Daniela. "TragiCIDADE - a violenta relação entre as diferentes classes sociais nos centros urbanos brasileiros e sua representação na literatura contemporânea." (2011). https://digitalrepository.unm.edu/laii_research/53

This Working Paper is brought to you for free and open access by the Latin American and Iberian Institute at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Research Papers by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

LAI Research Paper Series

November 2011

No. 58

Anthropology, Art
History, Economics,
Education, Gender,
Cultural Studies,
Geography, Health
Sciences, History,
Journalism,
Linguistics,
Literature, Music,
Natural Sciences,
Political Science,
Sociology |
Antropología,
Historia del Arte, Economía,
Educación, Género,
Estudios Culturales,
Geografía, C
Geografía,
Ciencias de la
Periodismo, Salud,
Música, Ciencias Naturales, Ciencias Políticas,
Historia,
Lingüística, Literatura,
Sociología | Antropología, Historia da
Arte, Economía, Educação, Género, Estudos
Culturais, Geografia, Ciências da Saúde,
História, Jornalismo, Lingüística, Literatura, Música,
Ciências Naturais, Ciências Políticas, Sociologia | Anthropol-
ogy, Art History, Economics, Education, Gender, Cultural
Studies, Geography, Health Sciences, History, Journalism,
Linguistics, Literature, Music, Natural Sciences, Political Science,
Sociology | Antropología, Historia del Arte, Economía, Educación,
Género, Estudios Culturales, Geografía, Ciencias de la Salud, Historia, Period-
ismo, Lingüística, Literatura, Música, Ciencias Naturales, Ciencias Políticas, Sociología |
Antropología, História da Arte, Economía, Educação, Género, Estudos Culturais, Geografia,
Ciências da Saúde, História, Jornalismo, Lingüística, Literatura, Música, Ciências Naturais,
Ciências Políticas, Sociologia | Anthropology, Art History, Economics, Education, Gender, Cultural
Studies, Geography, Health Sciences, History, Journalism, Linguistics, Literature, Music, Natural
Sciences, Political Science, Sociology | Antropología, Historia del Arte, Economía, Educación, Género,
Estudios Culturales, Geografía, Ciencias de la Salud, Historia, Periodismo, Lingüística, Literatura,
Música, Ciencias Naturales, Ciencias Políticas, Sociología | Antropología, História da Arte,
Economía, Educação, Género, Estudos Culturais, Geografia, Ciências da Saúde, História,
Jornalismo, Lingüística, Literatura, Música, Ciências Naturais, Ciências Políticas,
Sociologia | Anthropology, Art History, Economics, Education, Gender, Cultural
Studies, Geography, Health Sciences, History, Journalism, Linguistics, Literature,
Music, Natural Sciences, Political Science, Sociology | Antropología, Historia del
Arte, Economía, Educación, Género, Estudios Culturales, Geografía, Ciencias
de la Salud, Historia, Periodismo, Lingüística, Literatura, Música,
Ciencias Naturales, Ciencias Políticas, Sociología | Antropología,
História da Arte, Economía, Educação, Género, Estudos Culturais,
Geografia, Ciências da Saúde, História, Jornalismo, Lingüística,
Literatura, Música, Ciências Naturais, Ciências Políticas,
Sociologia | Anthropology, Art History, Economics, Education,
Gender, Cultural Studies, Geography, Health Sciences,
History, Journalism, Linguistics, Literature, Music,
Natural Sciences, Political Science, Sociology |
Antropología, Historia del Arte, Economía,
Educación, Género, Estudios Culturales,
Geografía, Ciencias de la Salud, Historia,
Periodismo, Lingüística, Literatura, Música,
Ciencias Naturales, Ciencias Políticas,
Sociologia | Antropología, História da Arte,
Economía, Educação, Género, Estudos
Culturais, Geografia, Ciências da
Saúde, História, Jornalismo,
Lingüística, Literatura,
Música, Ciências Naturais,
Ciências Políticas, Sociologia |
Anthropology, Art History,
Economics, Education,
Gender, Cultural
Studies,
Geography,
Health
Sciences,
History,
Journalism,
Linguistics,
Literature,
Music,
Natural
Sci-

TragiCIDADE - a violenta relação entre as diferentes classes sociais nos centros urbanos brasileiros e sua representação na literatura contemporânea

Daniela Meireles
University of New Mexico

Research Paper Series No. 58 November 2011

TragiCIDADE- a violenta relação entre as diferentes classes sociais nos centros urbanos brasileiros e sua representação na literatura contemporânea

Daniela Meireles
University of New Mexico

© 2011 by Daniela Meireles

The Latin American and Iberian Institute (LAI) at The University of New Mexico (UNM) is one of the nation's leading foreign language and area studies centers. More than 130 UNM faculty specializing in Latin American research and teaching are members of the Faculty Concilium on Latin America and Iberia and are the primary constituency of the LAI.

The LAI's Research Paper Series and Occasional Paper Series provide refereed forums for the timely dissemination of research on Latin American topics. Authors also gain the benefits of comment and criticism from the larger research community if they intend to later submit their work to other publications.

RESUMO

O presente ensaio irá examinar a representação da violência e segregação urbana nos contos “Solar dos Príncipes” e “Esquece” da coletânea Contos Negreiros (2005) e “Angu de Sangue” e “J.C.J.” da coletânea Angu de Sangue (2000) de Marcelino Freire. A análise será feita em busca de respostas para as seguintes perguntas: frente a exclusão social e consequente negação a plena cidadania, como se comportam os personagens dos contos analisados? O que esse comportamento revela sobre a vida em sociedade nos centros urbanos? O que os contos comentam sobre a cidadania?

O espaço urbano brasileiro ainda pode ser concebido como a esfera pública, onde as diversas classes sociais se misturam? Sob alguns aspectos sim, pois ainda há interação social no meio urbano. Por outro lado, o senso de comunidade e de integração entre os cidadãos está-se perdendo devido à conflitos entre as diversas classes sociais. Para a socióloga brasileira Teresa P. R. Caldeira (2000) a erosão do espaço público de São Paulo se deve à crescente violência urbana que promove a segregação da metrópole. A fragmentação do território metropolitano brasileiro deixa transparecer duas questões sociais importantes, a discriminação social e o descrédito da população nos mecanismos de segurança pública. Devido a violência, esse espaço tornou-se um ambiente hostil evitado especialmente pelas classes média e alta. Os dois segmentos sociais acima citados usam o discurso do medo para justificar o abandono de certas áreas da cidade, onde vivem grupos sociais caracterizados como “perigosos”. Uma consequência é o crescimento das chamadas “cidades privadas”¹ (Caldeira 2000). O estudo de Caldeira sobre São Paulo mostra que as referidas “cidades” reforçam a discriminação social, legitimizam práticas de distanciamento, segregação e homogeneização. O discurso do medo e da violência, assim, justificam a segregação social e geográfica incrementando o já existente estranhamento social.

A violência urbana pode ser ocasionada por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos de uma sociedade. O presente capítulo irá examinar a representação da violência e segregação urbana causada por questões sócioeconômicas e simbólicas² nos contos “Angu de Sangue” e “J.C.J.” da coletânea *Angu de Sangue* (2000) e “Solar dos Príncipes” e “Esquece” de *Contos Negreiros* (2005) da autoria de Marcelino Freire. Os quatro contos têm em comum cenas ambientadas nas ruas de cidades brasileiras, onde o diálogo dá lugar à violência, à segregação e

¹ Espaços de isolamento construídos pelas classes média e alta, tais como condomínios fechados, espaços comerciais como *malls* e *shopping centers*.

² Violência simbólica são os diversos modos de dominação social e cultural.

ao estranhamento social. Verifica-se então, que a forma de violência representada nas obras analisadas a seguir é a da quebra de sociabilidade³, da anomia social⁴ e da intolerância das classes média e alta para com pessoas de classes sociais menos privilegiadas.

A análise dos quatro contos que compõem este capítulo será feita em busca de respostas para as seguintes perguntas: frente a exclusão social e conseqüente negação a plena cidadania⁵, como se comportam os personagens dos contos analisados? O que esse comportamento revela sobre a vida em sociedade nos grandes centros urbanos brasileiros?

Como ponto de partida, façamos uma análise sobre as mudanças ocorridas no espaço público desde tempos mais remotos e qual é a configuração atual da *urbe*. Originalmente, o modelo da cidade era o da “*polis grega*”, lugar de encontro e vida em comum, que agora se assemelha mais à “Babel”, símbolo da desarmonia e da confusão (Dalcastagné 34). O que justifica a tragédia⁶ que assola o espaço urbano de megalópolis brasileiras como, por exemplo, São Paulo, na contemporaneidade? Dalcastagné lança luz sobre a questão ao oferecer, como maneiras de tentar entender a configuração social nacional da atualidade, fenômenos sociais como a “urbanização”⁷ (35). A esse elemento, acrescentaria o caráter “disjuntivo”⁸ (Caldeira

³ “Quebra da sociabilidade” entendida nesse contexto como o descompromisso dos cidadãos para com as regras básicas de convívio social.

⁴ Termo cunhado por Durkheim significando um estado de ausência de normas e comportamento social adequado.

⁵ Cidadania entendida como o conjunto de liberdades e obrigações políticas, sociais e econômicas. Ser cidadão implica em exercer seu direito à vida, à liberdade, ao trabalho, à moradia, à educação, à saúde, à cobrança de ética por parte dos governantes (D’Urso 2005).

⁶ Tragédia é, no sentido clássico, uma forma de arte baseada no sofrimento humano. Pode envolver também um conflito entre um personagem e algum poder superior como a lei ou a sociedade. Os personagens trágicos que, no teatro, são preconizados como heróis, enfrentam situações que culminam em fatalidade como a morte, destruição física, moral e econômica com a finalidade de ensinar uma lição de vida ou servir como modelo de superação. Nos contos analisados, os personagens não têm um caráter heróico no sentido analisado acima e suas mortes são percebidas por nós, leitores, como mundanas e insignificantes. Apesar de ser um conceito que se aplica às artes dramáticas, a definição de tragédia utilizada nessa tese é a que tem como sinônimo o desastre e a derrocada do projeto de urbanização das megalópoles brasileiras. Tragédia, pode, assim ser aplicada ao contexto desse capítulo, pois o mesmo analisa contos cujo desfecho é invariavelmente a fatalidade e tragicidade na vida dos personagens.

⁷ Grandes cidades como São Paulo foram marcadas pela crescente urbanização advinda da chegada de pessoas de outras cidades do Brasil e pelo exodo rural, volume de pessoas saídas das regiões rurais para dentro da cidade.

2000; Holston 2008) da democracia brasileira (devido à persistente desigualdade social) e o mais recente percurso sociopolítico e econômico do país como os maiores responsáveis pela alarmante disparidade entre classes no Brasil, percebida com o crescimento das indústrias brasileiras.

O exponencial crescimento das indústrias brasileiras desde a década de 40 foi um dos fatores responsáveis pela crescente urbanização dos grandes centros urbanos como São Paulo. Apesar do crescimento a pobreza continuou a se proliferar restringindo uma parcela significativa da população à margem social. O cenário de pobreza e desigualdade entre classes sociais vem sendo tratado na ficção brasileira desde a década de 70 como, por exemplo, na obra de Rubem Fonseca⁹. Na ficção fonsequiana, fica evidente o enorme disparate socioeconômico na sociedade brasileira e a violência que esta separação gera.

Além do “gap” econômico que distingue as classes sociais, outros padrões de diferenciação são empregados para separá-las e esse não é um fenômeno recente. Caldeira explica que ao final do século XIX até 1940 as pessoas habitavam o mesmo espaço urbano e eram segregadas pelo seu tipo de moradia. Entre 1940 e 1980 fazia-se a distinção centro-periferia, estando as classes mais altas concentradas na área central e os pobres exilados em áreas mais remotas. Em um terceiro momento, a distinção que prevalece desde 1980 até presente e se dá pela construção de muros e através das diversas tecnologias de segurança que os separam. A tendência é que as diferentes classes não circulem em, nem dividam espaços comuns. Assim, as

⁸ “Disjunctive democracies” são aquelas que, como o Brasil, apesar de serem democracias políticas onde os direitos sociais são razoavelmente legitimados, o componente civil da cidadania (que refere-se aos direitos necessários para a liberdade individual, para a asserção da igualdade perante a lei e aos direitos civis em geral) é continuamente violado (Caldeira 2000, 339).

⁹ Dentre suas obras de destaque a tratar sobre o tema da violência gerada pela desigualdade social brasileira encontra-se *Feliz Ano Novo* (1975). O livro foi tirado de circulação pela censura militar por conter cenas que faziam “apologia à violência”, mas que na verdade, deflagrava, em linguagem contundente, um país de enormes contrastes. De uma lado a pobreza extrema dos subalternos, de outro a abastada classe burguesa brasileira e seus privilégios.

classes média e alta passam a viver e a interagir com os seus semelhantes nas “fortified enclaves”¹⁰, temendo a violência.

Como consequência da fragmentação social e espacial da *urbe*, hoje em dia, dentro das grandes cidades, existem ambientes residenciais distintos. Os primeiros são os condomínios e os prédios murados, altamente protegidos ou os espaços da classe média baixa que apesar de muitas vezes ainda residirem em casas fora de condomínios residenciais, optam pelos mesmos sistemas de segurança das classes mais altas, como as grades, portões eletrônicos e as cercas elétricas. Tudo visando proteção. Os enclaves são espaços convenientes àqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros antigos. As classes média e alta abandonaram esses bairros, deixando-os livres para os “marginais” e “vagabundos” (Caldeira 2000). A criação desses espaços de separação deixam transparecer a discriminação das classes média e alta que ao mesmo tempo em que se distanciam da vulnerabilidade dos espaços públicos, buscam *status* social, querendo distinguir-se completamente dos subalternos, com quem não querem compartilhar nenhum traço identitário. O segundo é a zona das favelas, periferias e bairros mais pobres onde residem trabalhadores de renda mínima. Em meio a esse espaço fragmentado, encontra-se um “entrelugar” que é comum tanto à elite quanto à periferia. É nesse *locus*, no ambiente público das cidades¹¹, que se travam os encontros violentos entre os subalternos¹² e os cidadãos de maior prestígio social.

¹⁰ “Fortified enclaves”, segundo Caldeira (2000) são espaços privados, fechados e monitorados destinados à residência, consumo, lazer e trabalho.

¹¹ Locais como as praças públicas, as calçadas e mais especificamente em três dos contos analisados, o trânsito.

¹² Termo cunhado pela crítica e teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak em seu ensaio *Can the subaltern speak?* (1998). Subalternos, periféricos, minoritários ou marginais foram termos escolhidos para classificar parte dos personagens das histórias aqui analisadas, por serem aqueles que não pertencem ao centro da sociedade e que são ignorados pelo sistema social, contrapostos às classes média e alta.

Tendemos a pensar a violência urbana normalmente num sentido único, como aquela praticada pelos que nada têm contra os mais abastados (Dalcastagné 2003, 46). Marcelino Freire, por sua vez, desafiando o discurso hegemônico que perpetua a noção da violência como uma via de mão única, mostra em seus contos os diversos tipos de violência — material/física e simbólico/culturais — sofridas pelas classes média e alta e dessas contra os subalternos. É de embates ora corporais, ora simbólicos, que tratam os contos de Freire. O autor narra sobre lugares onde sujeitos subalternos se deparam com delimitações originárias da sua condição socioeconômica. O limite que lhes é imposto são barreiras que restringem sua agência social dentro dos espaços urbanos. Tais barreiras podem ser físicas, como os condomínios residenciais ou até mesmo os carros blindados pelos quais as classes média e alta substituíram os ônibus e metrô, símbolos de “pobreza” e “perigo”, situação representada no primeiro conto analisado neste capítulo.

“Solar dos Príncipes” conta sobre um projeto frustrado de alguns moradores da favela em fazer um longa-metragem sobre a vida da classe média. Esses moradores do Morro do Pavão, zona sul do Rio de Janeiro, são barrados no portão do prédio, também da zona sul da mesma cidade, escolhido para a filmagem. O porteiro, ao vê-los, imagina que são assaltantes. A história acaba em confusão seguida da chegada da polícia. A narrativa deixa transparecer a separação das classes desde o título. Os “príncipes” que habitam o solar contrapõem-se aos “plebeus” que vêm importuná-los em seus “castelos” fortificados. No conto observa-se a situação colocada sob uma ótica invertida. Em tom irônico, Freire faz desse conto uma paródia. Não raro vemos filmes e documentários sobre favelas e periferias do Brasil editadas sob o ponto de vista da classe

média¹³. O narrador reclama, “o pessoal vive subindo o morro para fazer filme” (24) e a classe média e alta ainda lucra ricos prêmios em festivais internacionais, explorando a pobreza alheia. Mas nesse conto, quem desce o morro e quer ver de perto como é a vida da burguesia da cidade, quem quer ver como é ganhar prêmio em “Festival de Brasília. Festival de Gramado” (25) são os subalternos que, claro, são barrados e hostilizados. Aqui, percebemos que estes só são, de fato, percebidos pelo sistema social e pelas classes superiores, se for para lucrarem com suas histórias de sofrimento e miséria exibidas nos seus documentários ou quando “invadem” os espaços restritos às elites.

No conto, a ironia se dá na inversão da câmera que quer focar a rotina da classe média e alta em um documentário. E ao expô-los como “seres” trancafiados em suas grades, que são os prédios altamente protegidos, o narrador exotifica a vida da burguesia da mesma forma que os documentários sobre a vida nas favelas também exotificam os moradores do morro. Denuncia o narrador: “A gente não só ouve samba. Não só ouve bala” (25). Do ponto de vista do narrador, os documentários fazem das favelas um lugar, literalmente, “para inglês ver”, haja vista a nova moda do “favela tour” para turistas estrangeiros. Nesse sentido, quanto mais exóticas forem as representações da favela, maior é a atenção que chama dos “gringos”. E geram maior lucro para a indústria do cinema e do turismo. Os “favelados” são usados pelo sistema social como mercadoria, sendo essa a única relação existente entre eles e as classes média e alta; uma relação pautada no lucro de uns em detrimento de outros.

Quando o “morro” desce para fazer seu documentário, são barrados pelo porteiro. “Não quer deixar a gente estrear a porra do porteiro. É foda. Domingo, hoje é domingo. A gente só

¹³ A exemplo, o documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (1999) produzido por João Moreira Sales e Kátia Lund.

quer saber como a família almoça” (25). Ao passo que a classe média não dá acesso a sujeitos que não fazem parte de seu ambiente, “[O] morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre, que nem passarinho manso... A gente oferece a nossa coca-cola” (25). O morro (ambiente subalterno) é representado no conto como o lugar do compartilhamento, de socialização; mas os enclaves das classes média e alta são segregadoras e excludentes. O morro está aberto aos convidados, mas os prédios com grades e sistemas modernos de segurança em si já veiculam uma mensagem implícita que parece dizer aos sujeitos: “você não são bem-vindos, não pertencem a esse espaço, afastem-se”. Essa interpretação pode nos guiar ao questionamento sobre o autor da culpa pela anômica configuração social dos espaços urbanos atuais. Parece-me que o conto nos leva ao entendimento de que as classes média e alta são, senão totalmente, ao menos parcialmente culpadas por tamanha segregação. Ao contrário dos moradores dos espaços subalternos, as classes sociais mais altas fazem questão de se isolarem da convivência com grupos sociais distintos, promovendo a homogeneização dos espaços urbanos. Perde-se, assim, a noção de comunidade como um espaço do qual todas as classes sociais comungam.

“Solar dos Príncipes” também discute outro aspecto da vida em sociedade, as relações raciais, outro tema que agrava a segregação social no Brasil. Essa questão não é nova e ocorre desde o período escravocrata¹⁴ no Brasil, mostrando que pouco progresso na luta contra a discriminação racial foi feito desde então. Negros no Brasil permanecem sob o estigma da subalternidade e são percebidos como serviçais para as elites, de maioria branca. No conto, o porteiro, apesar de ser “preto” (25), traço comum dos moradores do morro, representa a classe média. Ao tomar partido dos moradores do prédio, faz um papel parecido como o dos capitães do

¹⁴ O período escravocrata no Brasil teve duração desde a época colonial até o final do Império (1889).

mato no período da escravidão, dando as costas aos seus semelhantes e defendendo interesses da elite. Isso revela que as relações sociais são partidárias e estabelecidas de acordo com o nível financeiro e de *status* que elas possam gerar.

Ao ver os “quatro negros e uma negra” (23) na frente do prédio, o porteiro logo os identifica como empregados e se indaga: “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?” (23). Essa pergunta mostra a discriminação, não apenas social, mas também racial. Negros, no Brasil, são associados a serviços inferiorizados e que portanto, não pertencem ao ambiente do prédio, em especial à área social do mesmo. No entanto, Holston (2008) revela que no Brasil os paradigmas de diferenciação de cidadania estão relacionados à discriminação social. Um exemplo dessa discriminação se mantém nas relações entre classes sociais distintas no modelo arquitetônico da área de circulação dos prédios residenciais no Brasil. Os prédios são construídos com base em princípios que garantam separação e mínimas oportunidades de contato informal entre os empregados (subalternos) e seus patrões (classe média e alta). Para assegurar a privacidade classista dos moradores, empregados devem usar somente os elevadores de serviço. Apesar da lei¹⁵ que desfaz tal exigência, esse padrão ainda se aplica em muitos prédios residenciais brasileiros. O espaço fragmentado são espaços convenientes para aqueles que, por questões culturais, tais como a crença de que se associar de alguma forma com subalternos lhes diminui o *status* social. Assim, não querem sequer vê-los por perto. A tentativa da classe média de esquivar-se dos grupos sociais subalternos, deve-se também ao fato de que esses últimos são percebidos como “poluidores”¹⁶ (Caldeira 2000). Não são somente “sujos”, mas representam

¹⁵ A Legislação Brasileira de 1996 exige que não se faça distinção entre pessoas que podem e que não podem usar os elevadores sociais dos prédios comerciais e residenciais. A legislação exige que sejam colocadas placas proibindo qualquer discriminação nesses espaços. (Holston 2008, 278)

¹⁶ De acordo com Caldeira (2000), sujeitos pobres são mais comumente relacionados ao crime e à marginalidade. Os nordestinos em São Paulo, em especial, são caracterizados sob termos depreciativos como ignorantes, preguiçosos, sujos, imorais. (36)

ameaça e perigo; são percebidos como contaminantes, como revela a antropóloga britânica Mary Douglas, “Imundície ou sujeira é o que não se deve ser incluído se um padrão precisa ser mantido” (40). A exemplo da segregação e desejo de distanciamento entre as camadas sociais, no dia 14 de maio de 2011, na cidade de São Paulo, mais especificamente no bairro Higienópolis, deu-se protesto popular contra o cancelamento de uma estação de metrô na esquina da Rua Sergipe e da Avenida Angélica, bairro repleto de prédios de luxo onde residem pessoas de classe alta. O protesto se deu em forma de um churrasco chamado “Churrasco da Gente Diferenciada”. O nome do protesto teve origem a partir do depoimento de uma moradora da região, contrária à construção da linha do metrô, que disse: “Eu não uso metrô e não usaria. Isso vai acabar com a tradição do bairro. Você já viu o tipo de gente que fica ao redor das estações do metrô? Drogados, mendigos, uma **gente diferenciada...**”¹⁷. A desaprovação da elite para a construção do metrô se dá por vários motivos, sendo o primeiro deles, como revela o depoimento da moradora, o fato de ter que conviver com a “gente diferenciada” que pasará a “contaminar” a nobre tradição do bairro, que, como o próprio nome mostra, “Higienópolis” ou “cidade-higiene” não pode abrigar os “outros”. A mistura com o subalterno gera abominação, portanto, necessidade de distanciamento.

Negros, em particular, são identificados não somente como serviçais, como vimos anteriormente, mas como releva o conto, também como bandidos em potencial. Na sequência da trama, os “quatro negros e uma negra” são identificados pelo porteiro como ladrões que estão ali à espreita dos moradores: “Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-

¹⁷ Depoimento da psicóloga Guiomar Ferreira, 55, que trabalha e mora no bairro há 25 anos à Folha Online. Matéria publicada em 13/08/2010, intitulada “Moradores de Higienópolis, em SP, se mobilizam contra estação de metrô”, por James Cimino. Em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/782354-moradores-de-higienopolis-em-sp-se-mobilizam-contr-a-estacao-de-metro.shtml>. Grifo meu.

a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar” (23). No Brasil, pessoas da raça negra são mais comumente associados à criminalidade (Caldeira 2000), como observamos acima. A passagem também revela um padrão cultural de discriminação racial que acompanha a sociedade brasileira desde a época da escravidão, quando negros eram percebidos como seres inferiores e portanto, não cidadãos. Esse paradigma ainda se encontra presente na mentalidade brasileira, mas não se aplica somente à discriminação racial. A questão abrange um nível social. Do ponto de vista da classe burguesa, moradores de morros e favelas, quando se aproximam das áreas onde residem os mais abastados, quase certamente é para realizar algum serviço, como já discutimos, ou para roubar e sequestrar. Isso leva-nos a crer que na sociedade brasileira, o negro não é reconhecido como produtor de arte; a não ser de arte folclórica e popular como, dentre outros tipos, o samba e a capoeira. Mas devem-se manter longe da produção elitizada do cinema.

Assim, o medo da violência que a mentalidade discriminatória da classe média articula contra os moradores do morro é tamanho que leva o porteiro a devaneios sobre crime:

“_ Viemos gravar um longa-metragem.”

“_ Metra o quê? “

“Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr” (24).

O estudo de Caldeira (2000) revela que sujeitos perigosos e que infringem as regras sociais, os criminosos, são, no imaginário social, procedentes de espaços marginais; por isso, o medo e a tensão que os quatro amigos espalharam pelo prédio.

Além de questões da discriminação racial e de classe, Freire nos mostra em “Solar dos Príncipes” a enorme disparidade econômica que separa os subalternos e as classes média e alta no Brasil. No conto, faz-se claramente o contraste das condições sociais entre os moradores do prédio e os subalternos. Os moradores do morro querem ver de perto como é a vida, a rotina de quem tem “carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso” (25), enquanto os do morro tiveram que montar o esquema “num puta sacrifício. Nicholson deixou de ir vender churro. Caroline desistiu da boate”(26). Esse trecho mostra, além da desigualdade dos estilos de vida das classes sociais no Brasil, o tipo de trabalho realizado por subalternos que, como sabemos é mal-remunerado. O ambiente de trabalho dos quatro amigos são os espaços da “ralé”¹⁸ que se contrapõem aos lugares sofisticados em que trabalham os moradores do prédio, “O prédio tem gerente de banco, médico, advogado” (23). Está clara a diferença social mas também a discrepância cultural que separa a ralé dos moradores do prédio.

Enquanto as classes alta e média buscam distinguir-se culturalmente da classe “ralé”, esses últimos desejam proximidade dessa cultura, na tentativa de igualar-se à eles e elevar seu *status* social. Percebemos, assim, que os nomes dos subalternos que se aproximam do prédio são nomes que, simbolicamente, demonstram o desejo desses em se identificarem culturalmente como a classe burguesa. O nome Caroline é de origem européia e imita o da outra Caroline, a de Mônaco, símbolo da nobreza e do *glamour*. O nome Nicholson também é nome conhecido no meio artístico hollywoodiano também símbolo de riqueza e *status* social. Não é só pela escolha da atividade, o fazer filme, mas também a escolha dos nomes que denotam que as classes subalternas desejam estreitar laços com as classes burguesas e com elas se identificarem ainda que minimamente, elegendo os mesmos símbolos de *status*. Mas, mesmo tentando se aproximar

¹⁸ Segundo Souza (2009) o termo caracteriza a camada inferior da sociedade. Mesmo que “plebe”, “escória social”, “gentalha”.

das classes burguesas através desses símbolos, não dividem a mesma posição social; assim, o porteiro só tem uma missão, a de fazer com que os subalternos saiam dali, levando embora consigo a sua abjeção. O preconceito gerado pelo asco e pelo medo do crime que esses possam vir a cometer, atinge o porteiro e dessa forma, a única alternativa é chamar a polícia.

“E avisou: ‘Vou chamar a polícia’”

“A gente: ‘Chamar a polícia?’”

“Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia” (26).

O porteiro confia no trabalho da polícia que certamente defenderá o prédio e seus moradores, pois os aparatos de segurança pública estão todos à disposição das classes burguesas (Caldeira 200; Holston 2008). Porém, do ponto de vista dos moradores do morro, a polícia não é bem vinda, pois, sabem que sofrerão abusos da mesma, por serem subalternos. Segundo Caldeira (2000), membros da classe trabalhadora não confiam nem respeitam a polícia, na maioria das vezes, eles a temem. E com razão. A polícia confunde trabalhadores com criminosos e usam de violência contra os mesmos. Como órgão que também representa a classe média, a polícia discrimina os subalternos. Mais uma vez o estado quebra seu contrato social — proteger a todos os cidadãos — sem aplicar padrões de diferenciação entre as classes. Vemos no conto que, enquanto o prédio é protegido, os subalternos são atingidos pela “tradicional” violência.

O final de “Solar dos Príncipes” que tem seu desfecho com a correria dos “suspeitos”, termina também com a frustração dos quatro amigos. A única coisa que conseguiram foi perpetuar o estereótipo dos filmes feitos sobre as favelas, que falam sobre samba ou sobre violência. Em “câmera violenta” (26), os amigos só conseguem captar para seu filme a barbárie da ação policial, a desconfiança e a segregação que os subalternos recebem da sociedade. Em

meio a tiros, sirene de polícia e o caos gerado no prédio, a partir de um simples pedido para visitarem um apartamento, os quatro acabam filmando o que a “estética da violência”¹⁹ capta nas favelas. O conto deixa clara a impossibilidade de convivência entre os cidadãos de diferentes classes sociais. Não há diálogo, não há troca; apenas o preconceito, denunciando a anomia social, que inviabiliza o principal teor da vida urbana, a sociabilidade.

Como em “Solar dos Príncipes”, os três contos que seguem também revelam a anomia social. No entanto, se passam no violento trânsito das metrópoles brasileiras, local público onde coincidem os subalternos e as pessoas de classe social privilegiada. Tais encontros são marcado por situações de assaltos e sequestros- relâmpago que muitas vezes têm um desfecho fatal.

Iniciando esta discussão, o conto “Esquece” se passa no trânsito e expõe a rotina de assaltantes e assaltados na cidade. Narra o acontecido com um homem rico que dirige seu carrão e é portador de um *rolex*. Há o assaltante que “tosta” ao sol à espera de oportunidade para assaltar alguém. E quando esse pensa que foi bem sucedido no assalto, é abordado pela polícia, que vem defender o patrimônio do homem rico. O assaltante é levado para a prisão, lotada, sem ter seus direitos civis garantidos. No conto, narrado em primeira pessoa, observa-se a violência explicada pelo ponto de vista dos subalternos. Em seu projeto literário Freire dá voz aos mesmos. Na primeira parte vemos a violência do motorista que para o carro em cima do pé de um pedestre: “Violência é o carrão parar em cima do pé da gente” (31). Esse é um indicador da má qualidade das interações humanas em público. A relação entre pedestres e motorista como representada no conto revela o descaso pelo bem estar e pelo espaço alheio.

¹⁹ Fazendo referência ao manifesto de Glauber Rocha sobre a “Estética da Fome” ou “Estética da Violência” no Cinema Brasileiro.

O motorista, visivelmente um sujeito participante das classes altas, pois usa “gravata” e possui um “rolex dourado” (31), símbolos de *status* e riqueza no Brasil (e objetos de cobiça daqueles que não podem possuí-los, como os subalternos), faz uso do carro como um “privatized space” (Holston 2008) onde se isola do espaço externo, espaço “poluído e contaminante” (Caldeira 2000) onde se encontram os subalternos. O motorista pouco se importa com o acidente que acabara de causar e com desdém, “olha o tempo perdido no rolex dourado” (31). O isolamento do motorista dentro de sua “enclave”, o carro de vidro fumê, funciona como um tipo de parede ou muro. É o elemento que afasta as classes médias dos subalternos em ambientes que tradicionalmente são públicos²⁰ propagando a discriminação entre classes.

Além do carrão e do rolex dourado, a posição confortável em que se encontra o motorista, “o cara dentro do ar condicionado” (31) mostra a diferença socioeconômica entre os dois, sendo outro elemento que aguça a vontade do homem em atacá-lo. O homem, agora sabemos, é um assaltante que está “esperando uma melhor oportunidade de [a gente] enfiar o revólver na cara do cara” (31). Aqui, “Esquece” inicia a discussão sobre o acesso à (ou negação à) arena do consumo, pois, percebemos que o desejo do assaltante (sujeito subalterno) de também possuir aqueles objetos de *status* é que motiva o assalto. O discurso propagandístico trabalha em prol de agregar valor a certos objetos (como carros e relógios). E esse discurso impregna os consumidores (bem como os que almejam sê-lo) da necessidade de possuí-los para ascenderem-se socialmente. Sendo aqueles, símbolos que promovem *status*, estimula o desejo do subalterno em atingir o *status* do motorista devido à posse do rolex que planeja roubar.

Além de não poder exercer sua cidadania através da prática do consumo, outro tipo de violência denunciada pelo subalterno é devido à discriminação racial. “Violência é ele ficar

²⁰ A exemplo, ruas e calçadas.

assustado porque a gente é negro” (31). O fato de o assaltante ser negro, parece ser ainda pior e causa mais pavor no motorista. Culturalmente, no Brasil, pessoas da cor negra são percebidas como mais violentas (Caldeira 2000), essa concepção é, em si mesma, uma outra forma de violência cultural a que estão sujeitos os negros.

A violência permeia o conto e o desfecho do assalto praticado pelo narrador gera mais violência; dessa vez da polícia contra ele. O final do conto desvela a perpetuação do ciclo da violência no espaço urbano. Ao defender “o patrimônio do bacana” (32), os policiais aponta a arma para a cabeça do assaltante. O narrador é colocado em plano inferior, revelando o patrimônio do dono do carro como mais importante do que os motivos que o forçam a cometer atos de delinquência. O narrador/assaltante é o “homo sacer”²¹ (Agamben 1998) que da lei só herda punição e nunca tem seus direitos protegidos por ela.

Enquanto a situação ocorre, o assaltante se sente injustiçado pela possibilidade de lhe retirarem mais um direito - o de “chegar lá no barraco e beijar as crianças” (32). Percebe-se o desejo do assaltante em exercer um de seus poucos direitos adquiridos - o de rever a família no final do dia. No desencadear de más notícias, imagina-se ouvir na TV “aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana” (32). No contexto econômico do Brasil, é frequente a discussão acerca do injusto disparate entre os megalomaníacos acordos salariais para governantes em comparação ao miserável valor do salário mínimo, cujo aumento é invariavelmente adiado por longos períodos. Apesar da aprovação do salário mínimo no dia 16 de fevereiro do ano de 2011, conforme anunciado *on-line* no *Jornal Correio de Notícias*, um trabalhador assalariado terá que trabalhar cerca de 50 anos,

²¹ Na antiguidade romana, o “homo sacer” é o ser que foi julgado e condenado por alguma infração contra a lei e que por causa do fato de ter cometido um delito, não pode ser sacrificado. No entanto, quem o matasse não seria punido por este crime. Agamben (1998) usa o termo como metáfora para o indivíduo vivendo em “estado de exceção”, ou seja, tendo negado seus direitos sociais mas estando sujeito à rigidez da lei.

sem realizar despesas, para acumular o que recebe, em um ano, apenas um deputado ou senador no congresso brasileiro.

Vemos assim, que a pobreza é um fenômeno social e não individual. Há mecanismos sociais que explicam a sua produção (e reprodução) no cotidiano da vida em sociedade (Marques 2010) e percebemos no conto “Esquece”, o narrador como um homem cansado do bombardeio de injustiças sociais por todos os lados, mas que nunca consegue escapar da sina de ter que lutar contra sua opressora condição socioeconômica. O conto revela que o narrador usa a criminalidade como maneira de aceder à agência social.

A cidadania brasileira é também parte do debate a que este ensaio, se propõem. Assim, é de interesse aqui, discutir o tratamento, por vezes diferenciado, que recebem as elites, que exercem plenamente a sua cidadania, comparado ao tratamento dado pela lei à outras categorias da população, como, por exemplo, a população carcerária. No desencadear da trama de “Esquece”, o narrador é preso. Nesse trecho do conto, percebemos mais um tipo de violência contra os subalternos, a degradante situação do sistema carcerário brasileiro: “violência é a gente tomar tapa na cara e na bunda quando socam a gente naquela cela imunda cheia de gente e mais gente e mais gente...” (32). As prisões, nas condições em que se encontram, exemplificam a cidadania disjuntiva e a negação dos direitos humanos da população carcerária. As celas são superlotadas e as condições, precárias. Há relatos de morte por asfixiamento em celas nessas condições desumanas. Caldeira (2000) revela que “one of the first very serious violations of human rights occurred during carnival in 1989. Eighteen of the fifty prisoners kept in a cell of three square meters died of asphyxiation” (397). Ao invés de sublimar o desejo de violência visando ter aqueles valiosos pertences, o personagem anuncia que “fica pra depois uma outra

hora” (33) indicando que haverá uma próxima vez, quem sabe um próximo assalto, uma nova vítima.

Ao final do conto, nota-se que a humilhante condição do prisioneiro instiga nele mais vontade de roubar. Mas se roubar, embora represente uma violência, é a única forma que lhe foi deixada para aceder aos bens de consumo; ele deixa claro que voltará a fazê-lo. Vitimizadores das classes abastadas e vítimas do sistema social, ao mesmo tempo, sujeitos subalternos como o protagonista de “Esquece” vivem o perpétuo ciclo vicioso de sofrer e perpetrar violência.

Continuando a discussão da anomia social iniciada em “Solar dos Príncipes”, a relação do ser humano com o consumo e os objetos de consumo (também analisado em “Esquece”), e da violência no trânsito dos centros urbanos brasileiros que “Esquece”, “J.C.J.” e “Angu de Sangue” apresentam, o conto “J.C.J” trata da história de um menino de rua, desnutrido, que ameaça uma robusta mulher de classe média. Esta abre o vidro de seu carro em um sinal de trânsito para insultar o menino que lhe pede dinheiro. J.C.J corta-lhe o pescoço com uma lâmina e, sem obter ajuda de nenhum dos presentes - dentre eles taxistas, pedestres, outros motoristas e um frentista de um posto de gasolina - a mulher morre. J.C.J foge. O conto, como três dos outros analisados anteriormente, se passa no violento trânsito dos centros urbanos, quando uma mulher é atacada através da janela de seu carro por um menino de rua. Na apresentação do menino, lemos “Adolesce o menino de rua” (123) remetendo ao fato de que ele é morador de rua desde a infância. Através dessa passagem do conto, o autor faz crítica à sociedade brasileira que não ignora o fato de haver milhares de meninos como J.C.J, comentando delitos iguais, dia após dia. O governo prefere ignorar tanto os fatos, como os meninos, como se fossem “wasted humans” (Bauman 2004), ou seja, restos do sistema social, relegados à condição de quase inexistência ou de invisibilidade perante o Estado. O menino, J.C.J. (cujo nome faz lembrar a inscrição “JCRJ”

na cruz de Cristo, *Jesus Cristo Rei dos Judeus*) é mesmo um “jesuscritinho”, que como Jesus (judeu ele mesmo) é “judiado”²² pela sociedade e, diferente de Cristo – que simboliza amor, piedade, compaixão – J.C.J., para com a sociedade, mostra-se “sem piedade exposta” (123). A sociedade negou piedade a J.C.J., assim, ele não se apieda da mulher de quem se aproxima para assaltar.

A mulher assaltada é “gorda, muito gorda” (125). J.C.J é “menino cheirado à cola, sem sapato e sujo”(123), “fininho, pequeno” (124). Essa contrastante descrição nos remete à injusta diferença social onde os abastados têm, e muito, o que comer. A mulher é vítima do assalto, mas quem é mais vítima que o próprio J.C.J, abandonado pela sociedade violenta e que o ignorou desde a infância?

J.C.J. não se importa com a mulher. Ele vem em direção ao carro dela armado, pedindo dinheiro e chamando-a de “mocréia” (123). Ela, “abre a janela para dizer um palavrão” (123). Essa passagem revela a animosidade do primeiro encontro entre os dois. A mulher o insulta e ele também a agride verbalmente. Não há diálogo, não há respeito. A sociabilidade entre J.C.J. , um subalterno, e a mulher, que no conto representa a classe média, é marcada pela ausência de simpatia diante da causa alheia. A mulher “vota: em quem? Partido da situação não toma” (123). Essa passagem reforça a idéia de que a mulher, por ser membro de uma classe privilegiada não se importa com o destino de pessoas como J.C.J.

Na sequência de insultos e descaso mútuo, J.C.J. “num golpe, lâmina”(124), ou seja, J.C.J. usa uma lâmina para cortar-lhe o pescoço. A mulher se espanta com o assalto por dois

²² No sentido popular da palavra, ou seja, maltratado, mas também levando o sentido adiante, tratado feito judeu, povo que sofreu o preconceito social e violência física durante o holocausto, grupo que Agamben (1998) também identifica como “homini sacri”.

motivos. Primeiro porque que não se julga suficientemente rica para que tal coisa ocorra com ela, “O que ele viu nela? Nem veste-se mais suntuosa” (124). Conforme Rotker (2002), “although wealth does not necessarily guarantee protection from violence, in a community of devastating need it is enough to appear rich by having more than others, whether it be a car, a job, a television, or a house in a neighborhood one step above the slum” (8). Assim, para J.C.J que não tem nada, sequer um sapato, a mulher torna-se um “prato cheio” para o assalto.

Como consequência do corte no pescoço, a mulher começa a desfalecer e apesar da presença de muitos carros, ela está “sozinha e Deus” (124). A presença de carros é indicada pela frase “os buzina” (124) e usando a personificação, Freire refere-se às buzinas como pessoas e, ao fazê-lo, descreve os que estão ao redor da mulher como seres sem humanidade, pois, ao vê-la morrer, não a ajudam. O relacionamento com os bens materiais superam o relacionamento humano. A sociedade de consumo é evidente. Outro exemplo dessa relação anômica entre seres humanos no conto, é o frentista do posto que “gasolinou-se até ela” (124). O “moço do posto” não caminha, “gasolina-se”, pois está tão mais intimamente relacionado à sua atividade profissional do que com um semelhante. Além de vê-la moribunda e não ajudá-la, “o moço foi invadindo o braço no seu assento, o bafo da bolsa abrindo. Levou-se seu dinheiro e documentos” (125). O moço do posto a rouba; os taxistas que ali se encontravam também não se importam e continua a “ver a conversão da tabela” (124). Aqueles que a rodeiam não se preocupam com a mulher, que é percebida como apenas um “motor morto” (124) e não um ser humano. A sociedade consumista contemporânea privilegia o “ter” e não o “ser”, deixando mais uma marca de anomia nas relações sociais.

O outro motivo de espanto com relação ao assalto é a idade de J.C.J., “Deus nosso senhor, o menino nem tinha tamanho” (126) mas, estatisticamente, em alguns países da América Latina os jovens são os agressores mais frequentes. As gangues juvenis são responsáveis por um grande percentual de violência e pela insegurança dos cidadãos. Esses jovens agressores são também percebidos como os mais infames (Concha-Eastman 2002) revelando que o âmbito sagrado da infância, as “herdeiras do reino dos céus”, foi contaminado pela violência social, relegando-os ao “inferno na terra”. Assim, o desapiadado J.C.J., que não recebe nem demonstra piedade, foge e a deixa morrer.

Anomia social, cidadania diferenciada e violência, que agora invade o *domus* e vitimiza também a mulher, ainda um ser subalterno na sociedade brasileira, continuam a ser a temática do conto cuja análise vemos a seguir. “Angu de sangue” narra o encontro de um assaltante e um homem de classe média, também em meio ao trânsito. O carro é invadido pelo assaltante que sequestra esse homem e o obriga a ir a bancos e fazer saques em dinheiro. Quando o homem lhe havia entregado todo o dinheiro, o assaltante continua a exigir mais e pede-lhe que o leve até seu apartamento. Mas na verdade o homem decide levá-lo a outro apartamento, o da namorada Elisa. Naquele local, onde o assaltante esperava encontrar mais uma vítima para roubar, encontra a casa toda destruída e Elisa morta. Nesse momento, o homem, que passamos a saber matou Elisa, e que se revela também perpetrador de violência, quer encontrar uma maneira de atrelar a culpa da morte ao assaltante; mas mata-o e sai do local. Ao final do conto, o assassino vê-se novamente no trânsito, quando aparentemente um outro assaltante aborda seu carro²³.

Esse conto se inicia com a revolta do narrador, homem aparentemente honesto, que se mostra inconformado com o ataque que sofre de um ladrão em meio ao trânsito. A indignação do

²³ O final do conto pode ser interpretado como um *mis-en-abîme* indicando a perpetuação do ciclo de violência.

homem, em princípio se deve ao fato de ter sido atacado no centro da cidade: “o que acontece com a nossa cidade, no coração de São Paulo vejo a cara feia de um revólver” (69). Percebemos na fala do narrador a crença de que o espaço público deveria ser um lugar seguro, mas está-se erodindo, deixando transparecer a indignação de muitos cidadãos que já não se sentem seguros em alguns ambientes das grandes cidades do Brasil, devido à violência urbana que se instalou e que se manifesta sob a forma de assaltos, roubos e sequestros.

Ao mesmo tempo em que se indigna com a violência dos espaços públicos, o narrador mostra-se também uma pessoa violenta pois no momento em que foi atacado pelo bandido, “tentava esquecer o inferno que foi a nossa briga” (69) referindo-se à briga que teve com a namorada Elisa que, como sabemos depois foi assassinada pelo namorado. As relações agressivas no conto sugerem a hostilidade no trato social entre classes sociais distintas, mas também dentro das esferas hegemônicas da sociedade, como os lares da burguesia. O narrador, personagem pertencente à classe média (sabemos isso, pois ele possui um carro, apartamento e conta bancária) é um sujeito ambíguo. Ao mesmo tempo em que condena a violência e a contundência das atitudes do ladrão, reconhece-se igual a ele ao dizer: “Também chamei Elisa de vaca, puta, escrota” (72). Mas ainda assim tenta construir um padrão que o diferencie do ladrão, chamando-o de “nojento” (70), “drogado” (71) e “violento” (72), relegando-o à condição de abjeção, uma forma que o separasse daquele “outro”, assegurando sua superioridade social. Dessa forma, coloca o ladrão distante de sua condição de cidadão “honesto”. Para o ladrão não há desculpas para suas atitudes de violência. Mas o narrador, no entanto, justifica-se dizendo: “eu estava fora de mim. Dentro de mim havia alguma coisa. Algum demônio que mexia. Alguma mudança incontrolável” (72). Crimes cometidos por pessoas de classes mais altas, ou seja, por pessoas que não comungam do “perfil” criminoso (atrelado aos subalternos), justificam seus

crimes, alegando estarem vivendo dramas psicológicos (Caldeira 2000). Esse fato revela a discriminação e o tratamento diferenciado dado à pessoas de classes sociais distintas, na sociedade, ou seja o caráter disjuntivo da democracia brasileira.

No desenrolar do conto, observamos que o narrador atrai o bandido para o apartamento de Elisa na tentativa de incriminá-lo pela morte dela. “Ele poderia atirar a qualquer momento. Puxar, em meu lugar, o gatilho” (70), “A gente entra sem fazer barulho. Sem testemunha” (71). O narrador estava seguro de que conseguiria um alibi no ladrão, pois certamente, imaginou que, se a polícia chegasse, pensaria que o sujeito violento era o subalterno e não a “vítima” de classe média do suposto assalto na casa de Elisa. Mas o final do conto deixa claro de onde vem a verdadeira violência. Sabemos que o narrador puxa o gatilho e mata também o bandido e tudo isso sem mostra nenhum sinal de arrependimento, quando diz: “O bandido tinha o rosto de Elisa, tinha roubado a cara de Elisa. O maldito merecia, merecia. O maldito, um tiro na cara. Merecia” (73). O conto, ao final, revela que as relações violentas não se dão somente no espaço público, dão-se também, por motivos diversos, dentro das casas da burguesia. O crime do narrador contra Elisa é um crime doméstico, cujas vítimas são, em sua maioria, mulheres e os algozes, os próprios maridos ou namorados das vítimas. O narrador escolhe agir violentamente contra os socialmente mais frágeis, o ladrão subalterno e a mulher, no ambiente doméstico. Esse fato demonstra a covardia e a certeza da impunidade. Ao falar sobre a polícia, diz, “A polícia não serve pra nada” (71), demonstrando o descrédito da população contra esse órgão do governo. Ao mesmo tempo pode significar a confiança de que, como membro de classe social superior, não será punido.

As várias instâncias de violência do conto, ou seja, do subalterno contra o narrador, do narrador contra a mulher e contra o ladrão, mostra o círculo de animosidade e constante anomia das relações sociais da contemporaneidade. Assim, “Angu de sangue” fala das “potential victims” (Rotker 2002), que podem ser “all of those who could be killed at any given moment... middle class, wealthy or poor: it is anyone who goes out and is afraid, afraid because everything is rotting and out of control, because there is no control, because no one believes in anything anymore” (16). Independente da sua classe social, na configuração social da atualidade, todos são vítimas em potencial. Vítimas ora da miséria e da desigualdade social, ora da própria condição mais abastada, ora da condição de fragilidade corporal que os colocam na mira da violência.

Em uma retrospectiva que antecede a conclusão para este ensaio, no primeiro conto, “Solar dos Príncipes”, vimos a associação indiscriminada entre criminalidade e pobreza, situação geradora da discriminação social que permeia o conto. No segundo, “Esquece”, o autor nos mostrou a perpetuação da violência causada pela desigualdade social, passagem do meliante pelo sistema prisional (falido) e a maneira que o narrador, que representa os subalternos, encontrou de se reintegrar à sociedade: voltando ao crime. “J.C.J.”, assim como o anterior, revelou a natureza infértil dos encontros de cidadãos privilegiados e marginalizados, que terminam muitas vezes em desastres. O último conto analisado, “Angu de sangue” nos apresentou um narrador de classe média que é ao mesmo tempo vítima e algoz, deixando clara a “spiral of violence” (Lehnen 2008, 41) em que os personagens se encontram.

Quanto aos personagens dos quatro contos, os que enfrentam a condição de subalternidade, encontram maneiras, por vezes insurgentes – como assaltar, matar e sequestrar –

como vimos nos contos “J.C.J.”, “Esquece” e “Angu de Sangue”. Os personagens desses contos rebelam-se na tentativa de alcançar direitos sociais como alimentação e moradia, que, negados a eles, causam privação econômica e conseqüentemente limitação em seu poder de consumo. Em “Solar dos Príncipes”, os personagens almejam atingir *status* de cidadãos, ao tentar se aproximar da classe burguesa, imitando-lhes a cultura e investigando seu modo de viver, mas não conseguem interação, ao contrário, são afugentados. Os personagens de classe média dos quatro contos, deixam transparecer o preconceito através das diversas formas de discriminação contra os subalternos. As estratégias de distanciamento geográfico e cultural reforçam a necessidade das classes média e alta em distinguirem-se e afastarem-se dos subalternos. A violência que permeia essas relações demonstra que não há desejo de integração ou busca de um senso comum para a vida em sociedade.

A decadência das relações humanas representada nos quatro contos, caracteriza o que anteriormente denominou-se como a erosão da cidadania, a quebra da sociabilidade gerada pela diminuição da convivência pública que permita interação entre os cidadãos em público. Há pouco ou nenhum contato entre pessoas de classes sociais diferentes. Não existe um local comum que agregue cidadãos de classes sociais distintas (Caldeira 2000). E quando esses encontros acontecem, o resultado gera, muitas vezes, feridas físicas, morais e psicológicas como os contos analisados nos revelam.

Dessa forma, conclui-se que a narrativa de Marcelino Freire representa a cidadania nos moldes atuais como um conceito “diferenciador”, que trata bem a elite e discrimina e pune os subalternos. A participação na arena do consumo aparece na análise dos contos como outro fator que permite (ou não) o exercício pleno da cidadania e é mais um elemento de segregação dos

subalternos. A vida em sociedade nos grandes centros urbanos é, assim, representada não mais como um espaço aglutinador e que promova a homogeneização e igualdade de participação. A violência no espaço urbano, na verdade, promove a intolerância, suspeita (sobre os subalternos em especial), modificações na paisagem social e cultural da metrópole e o medo, muito medo.

Referência Bibliográfica:

- Agamben, Giorgio. *Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life*. Stanford: Stanford UP, 1998.
- Bauman, Zygmunt. *Wasted Lives- modernity and its outcasts*. Oxford: Polity, 2004.
- Caldeira, Teresa P.R. *City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo*. Berkeley: U of California, 2000.
- Concha-Eastman, Alberto. "Urban violence in Latin America and the Caribbean: dimensions, explanations, actions." Ed. Susana Rotker. *Citizens of Fear: Urban Violence in Latin America*. New Brunswick: Rutgers UP, 2002.
- Dalcastagné, Regina. "Sombras da Cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 21 (Jan/Jun 2003): 33-53.
- D'Urso, Luiz Flávio Borges. *A Construção da Cidadania*.
http://www.oabsp.org.br/palavra_presidente/2005/88/. Mar 2011.
- Douglas, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. Londres: Routledge, 1996.
- Freire, Marcelino. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê, 2000.
- . *Contos Negreiros*. São Paulo: Record, 2005.
- García Canclini, Néstor. *Consumers and Citizens: Globalization and Multicultural Conflicts*. Trans. George Yúdice. Minneapolis: U of Minnesota P, 2001.
- Holston, James. *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil*. Princeton: Princeton UP, 2008.
- Lehnen, Leila. "The Dire Streets of Marcelino Freire's *Angu de Sangue*." *Latin American Urban Cultural Production*. Ed. David Willian Foster. *Hispanic Issues On Line* 3.2 (Fall 2008): 30-48.
- Marques, Eduardo. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*. São Paulo: UNESP, 2010.
- Lopes, Chico. "Crônicas, Contos e Ensaios: Entrevista com Marcelino Freire."
http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=992. (21 de junho de 2006), 1-5.
- Resende, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

Rotker, Susana, ed. *Citizens of Fear: Urban Violence in Latin America*. New Brunswick: Rutgers UP, 2002.

Souza, Jessé. *A ralé brasileira: quem é como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

Spivak, Gayatri Chakravorty. "Can the Subaltern Speak?" *Marxism and the Interpretation of Culture*. Ed. Cary Nelson and Lawrence Grossberg. Urbana: University of Illinois Press, 1998. 271-313.

THE UNIVERSITY OF NEW MEXICO
LATIN AMERICAN AND IBERIAN INSTITUTE
RESEARCH PAPER SERIES

1. Guess, George M. "Bureaucracy and the Unmanaged Forest Commons in Costa Rica." December 1979.
2. Lupsha, Peter A., and Kip Schlegel. "The Political Economy of Drug Trafficking: The Herrera Organization (Mexico and the United States)." November 1980.
3. Gregory, Peter. "Employment, Unemployment, and Underemployment in Latin America." March 1981.
4. Levy, James, and Nick Mills, Jr. "The Challenge to Democratic Reformism in Ecuador." June 1981.
5. Gregory, Peter. "Legal Minimum Wages as an Instrument of Social Policy in Less Developed Countries, with Special Reference to Costa Rica." July 1981.
6. Díez-Canedo, Juan. "Undocumented Migration to the United States: A New Perspective." August 1981.
7. Sabloff, Paula L. W. "*Caciquismo* in Post-Revolutionary Mexican *Ejido*-Grant Communities." September 1981.
8. Gregory, Peter. "Economic Development and the Labor Market in Mexico." November 1981.
9. Earley, Stephen. "Arms and Politics in Costa Rica and Nicaragua, 1948-1981." May 1982.
10. Wessman, James W. "Peasants, Capitalists, and the State: Mexico's Changing Agricultural Policies and the 'Hungarian Project'." May 1982.
11. Conniff, Michael L. "Black Labor on a White Canal: West Indians in Panama, 1904-1980." May 1983.
12. Froehlich, Jeffery W., and Karl H. Schwerin. "Conservation and Indigenous Human Land Use in the Río Plátano Watershed, Northeast Honduras." June 1983.
13. Bales, Fred V. "Comparing Media Use and Political Orientation among Squatter Settlers of Two Latin American Countries." June 1983.
14. Sabloff, Jeremy A., Patricia A. McAnany, Bernd Fahmel Beyer, Tomás Gallareta N., Signa L. Larralde, and LuAnn Wandsnider. "Ancient Maya Settlement Patterns at

- the Site of Sayil, Puuc Region, Yucatán, Mexico: Initial Reconnaissance (1983)." January 1984.
15. Santley, Robert S., Ponciano Ortiz Ceballos, Thomas W. Killion, Philip J. Arnold, and Janet M. Kerley. "Final Field Report of the Maticapan Archaeological Project: The 1982 Season." June 1984.
 16. Morris, Nancy E. "*Canto porque es necesario cantar: The New Song Movement in Chile, 1973-1983.*" July 1984.
 17. Sabloff, Jeremy A., Gair Tourtellot, Bernd Fahmel Beyer, Patricia A. McAnany, Diana Christensen, Sylviane Boucher, and Thomas R. Killion. "Settlement and Community Patterns at Sayil, Yucatán, Mexico: The 1984 Season." April 1985.
 18. Brajer, Victor. "An Analysis of Inflation in the Small, Open Economy of Costa Rica." June 1986.
 19. Ashley, John M. "The Social and Environmental Effects of the Palm-Oil Industry in the *Oriente* of Ecuador." October 1987.
 20. Hidalgo, Margarita. "Perceptions of Spanish-English Code-Switching in Juárez, Mexico." March 1988.
 21. Arnold, Philip J III. "Ceramic Production and Consumption in the Sierra de los Tuxtlas, Veracruz, Mexico." June 1988.
 22. Gregory, Peter. "Undocumented Migration to the United States: Can the Flow Be Stemmed?" May 1989.
 23. White, Thomas U. "Mexican Immigrant Labor: An Alternative Analysis and Policy Proposal." November 1989.
 24. Lipski, John M. "On the Non-Creole Basis for Afro-Caribbean Spanish." February 1993.
 25. Lamadrid, Enrique R. "Treasures of the *Mama Huaca*: Oral Tradition and Ecological Consciousness in Chinchaysuyu." May 1993.
 26. Lipski, John M. "New Perspective on Afro-Dominican Spanish: the Haitian Contribution." May 1994.
 27. Tarver, Gina McDaniel. "Issues of Otherness and Identity in the Works of Izquierdo, Kahlo, Artaud, and Breton." April 1996.
 28. Craib, Raymond B., III. "Chinese Immigrants in Porfirian Mexico: A Preliminary Study of Settlement, Economic Activity, and Anti-Chinese Sentiment." May 1996.

29. Bannister, Geoffrey J. "The Economic Context of the Mexican Crisis." September 1996.
30. Elinore M. Barrett. "The Geography of Rio Grande Pueblos Revealed by Spanish Explorers, 1540-1598." May 1997.
31. Clark, Charles. "The Delegitimation of Land Tenure in Tropical Petén, Guatemala." May 1998.
32. Black, Chad T. "The Making of an Indigenous Movement: Culture, Ethnicity, and Post-Marxist Social Praxis in Ecuador." May 1999.
33. Howe, Alyssa Cymene. "Re-Engendering Revolution: Nicaraguan Gay and Lesbian Rights and the Sex of Post-Sandinismo." May 1999.
34. Medrano, Feliza. "*Ni chicha ni limonada*: Depictions of the Mulatto Woman in Cuban Tobacco Art." May 1999.
35. Stocker, Karen. "*No somos nada*: Ethnicity and Three Dominant and Contradictory Indigenist Discourses in Costa Rica." June 2000.
36. Eckmann, Teresa. "Chicano Artists and Neo-Mexicanists: (De) Constructions of National Identity." July 2000.
37. Archer, Rachel Elaine. "Society, Culture, and Heroes: Depictions of Cuban Heroine Mariana Grajales Cuello, 1893-2000." July 2001.
38. Burke, Nancy J. "Pre-Paid Phone Cards, *Cosas*, and Photos of the Saints: Transnational *Santería* Practices in a Southwest City." July 2002.
39. Fiala, Robert and Susan Tiano. "Maquila Employment and Fertility in Mexicali, Mexico: A Study of the Dynamics of Productive and Reproductive Relations." June 2003.
40. Rice, Roberta. "Channeling Discontent: The Impact of Political Institutions on Patterns of Social Protest in Contemporary Latin America." June 2003.
41. Santley, Robert S. "Ranchoapán: The 'New Obsidian' City of the Tuxtlas?" June 2004.
42. Ingram, Matthew. "Political Justice: Sub-national Determinants of Judicial Efficiency in Mexico, 1993-2000." June 2004.
43. Kerevel, Yann. "Re-examining the Politics of U.S. Intervention in Early 20th Century Nicaragua: José Madriz and the Conservative Restoration." November 2006.

44. Avila, Theresa. "Emiliano Zapata: Figure, Image, Symbol." July 2007.
45. Cárdenas-Rotunno, Anthony J. "Fray Alonso de Benavides's *Memoriales* of 1630 and 1634: Preliminary Observations." July 2007.
46. Gascón, Margarita. "The Defense of the Spanish Empire and the Agency of Nature. Araucanía, Patagonia and Pampas during the Seventeenth Century." August 2008.
47. Cárdenas-Rotunno, Anthony J. "The 1525 Cromberger *Crónica del Cid*: From Press to Lap." November 2008.
48. Ribeiro, Ludmila. "*Impunidade no sistema de justiça criminal brasileiro: Uma revisão dos estudos produzidos sobre o tema.*" August 2009.
49. Benavides Vanegas, Farid Samir. "Criminal Law as a Constitutive Strategy: The Colombian Case." August 2009.
50. Cárdenas-Rotunno, Anthony J. "Alfonso X, St. James, and the Virgin." September 2009.
51. Tompkins, Cynthia. "A Deleuzian Approach to Carlos Reygadas's *Stellet Licht* [Silent Light] (2008)." November 2010.
52. Byrd, Steven. "The Lexicon of Calunga and a Lexical Comparison with other Forms of Afro-Brazilian Speech from Minas Gerais, São Paulo, and Bahia." November 2010.
53. García Otero, María José. "*Negociación de 'mestizaje' e identidad nacional nicaragüense en la obra teatral El Güegüense o Macho Ratón.*" November 2010.
54. Massholder, Alexia. "*El pensamiento intelectual comunista en Argentina: una relectura de Héctor P. Agosti y su introducción al pensamiento de Gramsci.*" October 2011.
55. Weiss, Jessica Weiss. "Inquisitive Objects: Material Culture and *Conversos* in Early Modern Ciudad Real." November 2011.
56. Mangialavori, Leonardo and Miguel Barrientos. "*Políticas y cultura en la última Argentina autoritaria: estado y teatro entre 1976 y 1983.*" November 2011.
57. Affonso, Danielle Murta de Laborde. "*O poder de consumo como instrumento da cidadania verde em Humana Festa (2008), de Regina Rheda.*" November 2011.

58. Meireles, Daniela. "*TragiCIDADE- a violenta relação entre as diferentes classes sociais nos centros urbanos brasileiros e sua representação na literatura contemporânea.*" November 2011.

NAFTA/MERCOSUR WORKING PAPER SERIES

1. Frigerio, Alejandro. "*La expansión de religiones afro-brasileñas en el Cono Sur: Representaciones conflictivas de cultura, raza y nación en un contexto de integración regional.*" July 2000.
2. Paglieri, B. and P. Sanguinetti. "Institutional Issues and the Results of the Tariff and Non-Tariff Liberalization in Mercosur." July 2000.
3. Parish Jr., Randall R. "Stability without Hegemony: Brazil, Argentina, and Southern Cone Integration." July 2000.

OCCASIONAL PAPER SERIES

1. Remmer, Karen L. "The Chilean Military under Authoritarian Rule, 1973-1987." March 1988.
2. Davidson, Russ. "A Description of Rare and Important Medina Imprints in the University of New Mexico Library." May 1988.
3. Martz, John D. "The Military in Ecuador: Policies and Politics of Authoritarian Rule." June 1988.
4. Torres, Victor F. "The Canudos War Collection." May 1990.
5. Bénaud, Claire-Lise and Oscar E. Delepiani. "OAXACA: A Critical Bibliography of Rare and Specialized Materials in the University of New Mexico's General Library." March 1992.

SPECIAL PUBLICATIONS

1. Davidson, Russ and Joiner, Carol. "Mexico in the UNM Libraries: A Guide To Special Materials and Older Works." Spring 1986.
2. Kjeldgaard, Linda, editor. "Encuentro: A Columbian Quincentenary Quarterly". 1985 - 1989.
3. Kjeldgaard, Linda, editor. "Encounters: A Quincentenary Review." 1989.
4. Landmann, Robert S., editor. "The Problem of the Undocumented Worker." Spring 1980.